

EXCLUSÃO – UM DESAFIO PRÁTICO-TEOLÓGICO E PASTORAL¹

Norbert Mette²

Resumo: O termo sociológico “exclusão” está relacionado a uma mudança qualitativa da pobreza que atinge a maior parte da população do “Terceiro Mundo”, mas não se limita a esses países. Quais são as razões para esse fenômeno global e como ele pode ser explicado teoricamente? O artigo apresenta duas abordagens sociológicas (Niklas Luhmann; Pierre Bourdieu) bem como a intensa discussão que ocorre sobre exclusão social na teologia e na igreja, especialmente na América Latina. A questão: por que a exclusão social diz respeito à teologia e à igreja? A tese: o fenômeno da exclusão social – a saber, o fato de pessoas serem consideradas simplesmente supérfluas e de lhes serem negadas as condições e os meios para participar da vida em sociedade – evidencia de forma brutal para onde a sociedade atual, com os sistemas de regulamentação que a regem, se encaminha, ou até mesmo onde ela já chegou: para beneficiar alguns poucos, a depreciação e destruição da vida humana em uma escala inimaginável é aceita como natural. Esse “sinal dos tempos” cada vez mais ameaçador e visível não pode deixar indiferentes aqueles que anseiam para que as gerações futuras tenham direito à vida com dignidade humana. O artigo relaciona a importância fundamental entre o tema da exclusão social, a fé cristã e a teologia.

Palavras-chave: Exclusão social. Teoria dos sistemas. Teoria da ação. Cristologia.

Exclusion – a practical-theological and pastoral challenge

Abstract: The sociological term “exclusion” refers to a qualitative change of poverty that affects the majority of the population in the “Third World”, but is not limited to these countries. What are the reasons for this global phenomenon and how can it be explained theoretically? The article presents two sociological approaches (Niklas Luhmann; Pierre Bourdieu) as well as the intense discussion taking place within theology and the church concerning social exclusion, especially in Latin America. The question: Why does the phenomenon of social exclusion concern theology and the church? The thesis: the phenomenon of social exclusion – namely the fact that human beings are simply declared superfluous and the conditions and means to participate in social life are taken away from them – demonstrates most brutally in which direction the recent social development with its dominant system of regulation is leading to or even where it has already arrived: for the benefit of just a few, the depreciation and destruction of human life on an unimaginable scale is accepted as natural. This increasingly visible and threatening “sign of the times” cannot leave indifferent those who earnestly wish the future generations to lead a life of human

¹ O artigo foi recebido em 01 de setembro de 2009 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 15 de dezembro de 2009. Traduzido do original em alemão “Exklusion – eine praktisch-theologische und pastorale Herausforderung”, por Paul Tornquist.

² É doutor em Teologia e Ciências Sociais e atualmente é professor de Teologia Prática e Pedagogia da Religião na Universidade de Dortmund, Alemanha. mette@fk14.tu-dortmund.de

dignity. The article explains the fundamental importance of social exclusion to Christian faith and theology.

Keywords: Social exclusion. System theory. Theory of action. Christology.

Exclusão – um novo fenômeno

Na primeira parte do Documento Final³ da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em maio de 2007 no santuário de Aparecida, encontra-se uma análise da realidade social, econômica, política, cultural e religiosa daquela região – correspondendo aos três passos metodológicos ver – julgar – agir da Teologia da Libertação. Entre outros aspectos, o documento aborda um fenômeno expressamente caracterizado como novo e como sendo pior ainda do que a opressão e a exploração: a exclusão social. “Com ela, o pertencimento à sociedade na qual se vive fica afetado, pois já não se está abaixo, na periferia ou sem poder, mas se está fora. Os excluídos não são somente ‘explorados’, mas ‘supérfluos’ e ‘descartáveis’.” (65)⁴ O documento repetidamente volta ao tema da exclusão. Durante a Conferência de Aparecida, os bispos renovaram seu compromisso com a “opção pelos pobres”, como já haviam declarado em outras conferências, dessa vez acrescentando o novo termo “os excluídos” (cf. 391).

Qual é o significado dos termos “excluídos” ou “exclusão social”? Trata-se de uma mudança qualitativa da pobreza que aflige a maioria da população do continente latino-americano e do Caribe há séculos. O teólogo alemão e especialista na América Latina Ulrich Schoenborn descreve da seguinte forma a mudança:

Quando se falava nos “pobres” no passado, tinha-se em mente aquelas pessoas que não (ou ainda não) haviam conseguido integrar-se à vida moderna. Elas eram marginalizadas porque, por exemplo, havia um desequilíbrio entre a expansão da infraestrutura urbana e as transformações demográficas no país. Também porque a estrutura social tradicional, os modos de produção, as estruturas de distribuição e os padrões de consumo estavam sendo modernizados ou substituídos. Apesar disso, “os pobres” mantinham a esperança de poder algum dia embarcar no trem do desenvolvimento. Hoje os “pobres”, que até o presente tinham alguma participação, mesmo limitada, no mundo de trabalho e de consumo, deparam-se com a experiência da exclusão, da segregação. O processo de modernização da indústria e do Estado teve por consequência um número cada vez menor de empregados, fazendo com que desaparecesse do catálogo ético da sociedade o objetivo de satisfazer as necessidades sociais do ser humano. Esse fenômeno da exclusão não atinge apenas os clássicos

³ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Aparecida: 2007. Disponível em: <<http://www.celam.org/MisionContinental/Documentos/Portugues.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

⁴ Os números entre parênteses referem-se à numeração dos parágrafos no referido documento.

“setores populares” ou a classe operária, mas também cada vez mais a classe média. “Ser pobre” hoje significa ser supérfluo e, portanto, ser excluído.⁵

Manuel Castells, sociólogo espanhol atualmente radicado nos EUA, caracterizou de forma sucinta essa mudança como um movimento “de uma situação de exploração social para uma situação de ignorância funcional”, acrescentando ironicamente: “Ser explorado ainda virá a ser visto como um privilégio, pois pior do que a exploração é ser ignorado”⁶.

Essa transformação da pobreza acarreta uma nova forma de convívio com os excluídos. Se no passado a sociedade não era totalmente indiferente aos pobres – seja procurando integrá-los no ciclo econômico e assim melhorar sua situação, seja pelas esmolas com que os sustentavam –, hoje os segmentos da população que não conseguem acompanhar a modernização cada vez mais acelerada, especialmente no setor econômico, são simplesmente descartados. No pensamento da doutrina neoliberal, que confia exclusivamente nos mecanismos da autorregulação eficaz do mercado, a desigualdade cada vez maior é um componente estrutural inevitável da sociedade, chegando mesmo a ser vista como uma vantagem, pois seria um estímulo à competitividade, o que inevitavelmente implica em ganhadores e perdedores. Portanto, não se justifica sentir pena dos perdedores. Isso, aliás, seria incoerente com a lógica dominante do mercado com seus critérios determinantes de eficácia, rentabilidade e funcionalidade.

Abordagens sociológicas

Essa exclusão social não se limita de modo algum aos países do Terceiro Mundo. Dentro do processo de globalização ditado pelo neoliberalismo, o conceito afeta também, e cada vez mais, as pessoas das chamadas sociedades afluentes. O sociólogo alemão Heinz Bude⁷ identifica quatro motivos para esse desenvolvimento: o primeiro está relacionado à divisão funcional do trabalho, “que apresenta como modelo padrão para uma economia industrial de alta produtividade o trabalho especializado baseado no conhecimento e orientado para a prestação de serviços”⁸, e que oferece condições de trabalho precárias – no melhor dos casos, isto é, se a conjuntura econômica permitir – para aqueles que não dispõem do conhecimento exigido. Como segundo motivo, Bude cita as consequências resultantes do fato

⁵ SCHOENBORN, Ulrich. Ausgeschlossen vom Markt – Ausgeschlossen vom Heil?: Anmerkungen zur “Teologia dos Excluídos”. In: *Unsa Sancta*, 51, p. 213, 1996. (tradução nossa).

⁶ CASTELLS, Manuel. Die Zweigeteilte Stadt: Arm und Reich in den Städten Lateinamerikas, der USA und Europas. In: SCHABERT, Tilo (Hg.). *Die Welt der Stadt*. München, 1991. p. 213. (tradução nossa).

⁷ BUDE, Heinz. *Die Ausgeschlossenen: Das Ende vom Traum einer gerechten Gesellschaft*. München: C. Hanser, 2008.

⁸ BUDE, 2008, p. 22. (tradução nossa).

que a Alemanha tornou-se um país de imigrantes, “com uma forte divisão em sua população imigrante”⁹. Enquanto parte da população imigrante está, em maior ou menor grau, bem integrada à sociedade, outra parte – é difícil estimar quantas pessoas fazem parte desse grupo – “perde o contato com a sociedade, isola-se e parece radicalizar-se em sua derrota”¹⁰. Como terceiro motivo, Bude menciona o estado de bem-estar social moderno, que aos poucos está adotando uma nova abordagem para quem tem direito ao auxílio social, deixando de cuidar dessas pessoas apenas passivamente, mas incentivando sua ativação e mobilização. Segundo essa corrente de pensamento, as pessoas devem tomar a iniciativa em vez de serem cuidadas, e são incentivadas a ganhar sua própria vida através da busca criativa por trabalho. Quem não consegue fazer isso, ou não quiser, sai prejudicado. Como quarto motivo, Bude cita a transformação decorrente da importância dada à posição social ocupada pelo indivíduo na sociedade, e que Niklas Luhmann¹¹ caracterizou como uma transição da origem para a carreira do indivíduo. Em termos claros: progridem aqueles que são competentes, móveis e flexíveis; ficam pelo caminho “aqueles que não se mexem, têm medo e visão limitada”¹². Vale lembrar, no entanto, que carreiristas de maneira alguma estão a salvo de tropeços.

O último comentário chama atenção para uma outra característica da exclusão: ela não afeta apenas os desfavorecidos pelas desigualdades sociais, mas alcança as classes sociais mais altas. O ponto de referência desse termo é o grau de participação na vida social, ou seja, se a pessoa está “dentro” ou “fora”. A nova perspectiva não substitui totalmente o modelo convencional, que diferencia entre “em cima” e “embaixo”, mas sobrepõe-se ao mesmo.

Como a realidade da exclusão social pode ser compreendida teoricamente? Na sociologia já ocorrem uma reflexão e um debate sobre essa questão há algum tempo. Nesse contexto, outro termo ganha relevância: a inclusão, referindo-se ao oposto da exclusão. Há controvérsias sobre como a relação entre inclusão e exclusão deve ser definida. A seguir serão apresentadas duas posições como exemplos:

Niklas Luhmann pode ser citado como representante de uma visão dicotômica da relação entre a inclusão e a exclusão¹³, embora exatamente neste ponto – como demonstraremos adiante – sua teoria de sistemas sociais se enreda em aporias. Para Luhmann, a diferença entre inclusão/exclusão é uma diferenciação geral, inerente ao sistema, relacionada com o grau em que as pessoas são consideradas relevantes ou não nas relações sociais de comunicação. Diz respeito, portanto, às exigências da ordem social. Esta, por sua vez, resulta do fato de que determinadas possibilidades são admitidas, ao passo que outras são descartadas. Essas possibilidades, no entanto,

⁹ BUDE, 2008, p. 24. (tradução nossa).

¹⁰ BUDE, 2008, p. 25. (tradução nossa).

¹¹ In: BUDE, 2008, p. 29.

¹² BUDE, 2008, p. 31. (tradução nossa).

¹³ LUHMANN, Niklas. Inklusion und Exklusion. In: _____. **Soziologische Aufklärung**, v. 6: Die Soziologie und der Mensch. 3. Aufl. Wiesbaden: VS Verlag, 2008. p. 226-261.

continuam em princípio existindo. Em outras palavras, a inclusão pressupõe a exclusão. A relação entre ambas reflete a respectiva forma de diferenciação dentro de uma sociedade. Em sociedades segmentadas, a inclusão na sociedade é determinada pela distribuição de seus membros em segmentos definidos. Em sociedades estratificadas, a inclusão ocorre pela atribuição de um *status* social a seus membros, dispondo a sociedade de várias alternativas para tal – tanto iguais quanto desiguais entre si. Segundo a teoria de Luhmann, a sociedade moderna (funcionalmente diferenciada) precisa, por motivos estruturais, abrir mão dessa regulamentação padronizada da inclusão, típica – cada uma à sua maneira – para as duas formações de sociedade mencionadas acima. Ela delega a regulamentação e organização da inclusão para os diversos subsistemas funcionalmente diferenciados entre si, os quais, cada um a partir de sua própria racionalidade sistêmica, estabelecem uma distinção entre pessoas consideradas relevantes ou não para fazer parte do subsistema.

Como ocorre a exclusão nas diferentes formações da sociedade? Luhmann escreve: “Em formações mais antigas de sociedade, a exclusão de um determinado segmento podia ser compensada em grande parte pelo fato que ela levava à inclusão em outro segmento. Assim, a exclusão da sociedade como um todo era um fenômeno marginal. Especialmente as sociedades segmentadas apresentam alto grau desse tipo de mobilidade individual. No caso de sociedades funcionalmente diferenciadas, tal regulamentação compensatória não é viável, pois nessas sociedades não há mais qualquer previsão para que indivíduos não admitidos em um subsistema possam fazer parte de outro. Não existe mais inclusão excludente em um subsistema”.¹⁴ Assim, a sociedade moderna funciona de acordo com um modelo de inclusão no qual, em princípio, cada pessoa tem acesso a todos os subsistemas funcionais. Cada pessoa tem capacidade jurídica, pode formar uma família, pode se engajar na política. As escolas estão abertas para todos, numa emergência todos têm direito a atendimento médico, cada um de nós pode realizar transações econômicas.¹⁵ “A lógica da diferenciação funcional”, observa Luhmann, “exclui as exclusões sociais, mas precisa permitir que haja diferenciações dentro dos subsistemas funcionais, de acordo com critérios próprios de cada sistema”.¹⁶

Existe aqui uma contradição imanente na teoria se lembrarmos da premissa, citada anteriormente, segundo a qual a inclusão pressupõe a existência da exclusão. Além disso, após visitar favelas de grandes cidades latino-americanas e vilarejos deteriorados pelo fechamento de minas de carvão no país de Gales, Luhmann teve que admitir – surpreso e obviamente profundamente abalado – que

¹⁴ LUHMANN, 2008, p. 241. (tradução nossa)

¹⁵ LUHMANN, Niklas. *Gesellschaftsstruktur und Semantik*. v. 1, p. 30s, apud KAUFMANN, Franz-Xaver. **Sozialpolitisches Denken**: Die Deutsche Tradition. Frankfurt/M: [s.n.], 2003. p. 170.

¹⁶ LUHMANN, Niklas. *Jenseits von Barbarei*. In: MILLER, Max; SOEFFNER, Hans-Georg (Hg.). **Modernität und Barbarei**: Soziologische Zeitdiagnose am Ende des 20. Jahrhunderts. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1996. p. 219-230. (tradução nossa)

existem exclusões, sim; aliás, em enorme escala e caracterizadas por uma miséria que foge a qualquer descrição [...] Sabemos, é claro: trata-se de exploração, opressão social, “marginalidade”, intensificação do contraste entre o centro e a periferia [...] Mas se olharmos mais atentamente, não encontraremos nada que possa ser explorado ou oprimido. Encontramos uma existência reduzida ao aspecto físico, tanto na autopercepção quanto na percepção do outro – um corpo que procura apenas chegar ao dia seguinte. A sobrevivência requer competências para perceber perigos e procurar o mínimo necessário; ou também resignação e indiferença em relação a valores convencionais da sociedade – aí incluídas a ordem, a limpeza, a aparência. E se fizéssemos uma projeção a partir do que vemos por aí, poderíamos chegar à ideia que talvez essa venha a ser a principal distinção do próximo século: a inclusão e a exclusão¹⁷.

Não é preciso reproduzir aqui detalhadamente como essas experiências foram assimiladas por Luhmann através de modificações na arquitetura de sua teoria. Acompanhando sua argumentação, percebe-se o esforço que faz para abandonar a perspectiva do observador diretamente envolvido e retomar aquela do observador distanciado.¹⁸ Pelo menos ao admitir que, frente às situações descritas, “a sociedade não poderá esperar receber nem conselho nem ajuda da sociologia”¹⁹, Luhmann reconhece a aporia de sua reflexão teórica, que pode até ser logicamente fechada, mas está presa às regras do seu próprio sistema e não tem contato com a realidade empírica.

Há alguns anos, o sociólogo francês Pierre Bourdieu, junto com uma equipe de colegas, abordou o “mundo dos excluídos” de forma bastante diferente, documentada na extensa obra intitulada, significativamente, “A Miséria do Mundo”²⁰. Como já diz o subtítulo, o livro apresenta “testemunhos e diagnósticos do sofrimento cotidiano na sociedade”. A intenção desse estudo é a compreensão. Compreender, mais especificamente, as múltiplas formas que toma o sofrimento gerado pela sociedade atual, assim como algumas das causas responsáveis pelo mesmo. Conforme o texto na contracapa, o livro contém:

Relatos sobre a vida concreta, as esperanças e frustrações, mágoas e aflições de pessoas a quem normalmente não é dada a oportunidade de falarem nem de serem ouvidas. Reunidas, essas imagens da vida e da sociedade “de baixo” apresentam um raio X implacável da sociedade moderna francesa – mas não somente ela – caracte-

¹⁷ LUHMANN, 1996, p. 228.

¹⁸ Já a constatação de que, na sua opinião, certos indícios sugerem “que no âmbito da exclusão seres humanos não são mais vistos como pessoas, mas como corpos” (LUHMANN, 2008, p. 245) (tradução nossa) demonstra que ele não pode ter tido contato pessoal com os excluídos e seu autoconceito, mas elaborou seu próprio sentido sociológico, beirando ao cinismo, a partir da situação em que se encontram, sem todavia tê-lo verificado empiricamente.

¹⁹ LUHMANN, 1996, p. 230.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. *Das Elend der Welt*. Konstanz: (UVK), 1997. Edição francesa original: *La Misère du Monde*. Paris: Seuil, 1993.

rizada pela competição crescente, pela massificação do desemprego estrutural, pelo desmonte social, pela redução das políticas sociais, pela marginalização ou exclusão de segmentos cada vez maiores da sociedade, reforçado pelo gradual abandono por parte do Estado de suas responsabilidades para o bem-estar de todos, assim como pela crescente desregulamentação da economia e da sociedade. Tal qual as duas faces do deus Janus, as pequenas e grandes agruras e aflições do dia-a-dia dessas pessoas manifestam-se, por um lado, em sua situação econômica ou nas pressões materiais da sociedade e, por outro lado, em dolorosas experiências com hierarquias sociais, relacionadas com sua respectiva posição no meio social.²¹

A abordagem de Bourdieu, que busca não somente compreender, mas também incluir os atingidos pela “miséria do mundo”, tem dois propósitos: por um lado, proporcionar

aos que sofrem uma maneira de identificar fatores ligados à sociedade como a causa de seus sofrimentos, para que assim possam libertar-se do sentimento de serem eles próprios os culpados. Por outro lado, mostrar da forma mais concreta possível o outro lado da sociedade afluyente – nesse caso, a França – aos que nela estão integrados, junto com o apelo: “Nada é menos inocente do que deixar que as coisas simplesmente tomem o seu rumo”.²²

Uma abordagem teológica

Após essa curta introdução ao debate sociológico, queremos perguntar: por que a igreja e a teologia deveriam se ocupar do fenômeno da exclusão social? Minha tese: o fenômeno da exclusão social, isto é, o fato de pessoas serem consideradas simplesmente supérfluas e de lhes serem negadas as condições e os meios para que participem da vida em sociedade – “ou seja, o mercado de trabalho, os sistemas de saúde e ensino, os meios de comunicação e a vida cultural em geral”²³ – evidencia da forma mais brutal possível para onde a sociedade atual, com os sistemas de regulamentação que a regem, se encaminha, ou mesmo onde ela já chegou: para beneficiar alguns poucos, aceita-se friamente a depreciação e a destruição da vida humana em uma escala inimaginável. Esse “sinal dos tempos” cada vez mais ameaçador e visível não pode deixar indiferentes aqueles que anseiam para que também as gerações futuras tenham uma vida que possa ser considerada humana. Não pode, principalmente, nos deixar indiferentes como cristãos e cristãs.

O fenômeno da exclusão social afeta – poderíamos dizer desafia – a fé cristã, e com ela a teologia, no nível mais profundo. Para expor em alguns pontos o quanto

²¹ BOURDIEU, 1997, [s.p.]. (tradução nossa).

²² BOURDIEU, 1997, p. 826. (tradução nossa).

²³ PEUKERT, Helmut. Reflexionen über die Zukunft von Bildung. In: *Z.f.Päd.*, 46, p. 511, 2000. (tradução nossa).

isso é verdade, podemos nos apoiar no amplo debate teológico que vem ocorrendo na América Latina e no Caribe, que se tem refletido até mesmo em pronunciamentos oficiais da Igreja Católica. Naturalmente esse debate não pode ser simplesmente transferido para outras regiões do mundo, mas precisa ser contextualizado para a respectiva realidade regional.

1. Como admitido no próprio documento de Aparecida (cf. 397) e também de forma autocrítica dentro da Teologia da Libertação, o discurso da “opção pelos pobres” corre o risco de enfraquecimento, passando de palavra de ordem para meras palavras ao vento. Para discutir a pobreza e a exclusão na reflexão teológica de forma séria, é necessário usar como referência as análises atuais das ciências sociais. Além disso, deve-se buscar fazer contato com pessoas que possam falar a respeito da pobreza e da exclusão por experiência própria, bem como pessoas que, devido à sua atividade profissional no campo social, possam prestar informações sobre a realidade que ali se encontra. Como mencionado, os documentos das conferências gerais do CELAM demonstram vivamente: a pobreza e a exclusão têm rosto.²⁴
2. Após recolher essas observações sobre o “mundo da miséria”, as mesmas devem ser aprofundadas a partir de uma análise dos fatores econômicos, políticos e culturais que funcionam como suas causas. Um exame mais atento demonstra que muitas decisões tomadas pelo setor econômico, bem como os processos por elas desencadeados, não apresentam a suposta racionalidade que afirmam ter. Isso precisa ser denunciado criticamente.
3. Fazer essa crítica da ideologia é uma tarefa especialmente indicada para a teologia porque, entre outros fatores – como já salientado em uma série de estudos nos últimos anos²⁵ –, o sistema econômico e político dominante aceita de bom grado representar-se com ares de transcendência, ou mesmo com tons religiosos, como forma de legitimação. Nada expressa

²⁴ Cf. HINKELAMMERT, Franz. Globalisierung als verschleiernde Ideologie zur Verdrehung und Rechtfertigung der Misstände in der gegenwärtigen Wirklichkeit. In: **Concilium**, 37, p. 549-559, 2001. Conferir também as outras contribuições em **Concilium**, 37, 2001, H. 5: *Die Globalisierung und ihre Opfer*. Cf. também FORO „IGNACIO ELLACURIA“: Solidaridad y Cristianismo (Ed.). **La globalización y sus excluidos**. 2. ed. Estella: Verbo Divino, 1999.

²⁵ Cf. as publicações pertinentes da América Latina: ASSMANN, Hugo, HINKELAMMERT, Franz, e SUNG, Jung Mo. Da Alemanha: FUCHS, Gotthard. Das göttliche Umsonst. In: **KatBl**, 134, p. 215-219, 2009 (com indicações para literatura adicional!); BUCHHOLZ, René. **Enjoy Capitalism: Zur Erosion der Demokratie im totalen Markt**. Würzburg: [s.n.], 2009.

melhor sua pretensão absolutista do que o dogma “Fora do mercado não há salvação”²⁶.

4. Em termos teológicos, não se pode voltar atrás com a “opção pelos pobres” – várias vezes confirmada pelo Magistério da Igreja nos últimos anos. Pelo contrário, ela deve continuar a ser desenvolvida de forma decidida, tendo em vista a dimensão cada vez maior das “injustiças sociais que clamam ao céu” (Jürgen Habermas), como manifestadas no escândalo da exclusão social, em que pessoas são declaradas supérfluas. Nesse processo, como já há tempo ensina Leonardo Boff, é necessário estender o olhar para além das vítimas entre os seres humanos, incluindo também o sofrimento da criação como um todo.²⁷
5. Ao contrário da teologia no chamado Terceiro Mundo, a teologia nos países afluentes ainda não está inserida em seu próprio contexto. Isso se manifesta, por exemplo, na sua reação frente à precarização das relações econômicas, que também aqui em nosso país está cada vez mais evidente, ou mesmo frente à crise econômica. Com o apelo moralista aos endinheirados para que esses renunciem ao fardo da ganância desmedida ao qual estão presos, não será possível combater de modo eficaz as causas estruturais que levaram à crise atual.²⁸
6. Quanto à importância teológica da opção pelos pobres e excluídos, o teólogo alemão Hadwig Müller afirma com toda a clareza que ela não representa “um elemento adicional no Evangelho, mas a dimensão essencial e constitutiva do projeto de Deus e Jesus”²⁹. O que significa: “A opção pelos pobres não é conteúdo de uma teologia da caridade ou da moral, mas faz parte da teologia fundamental”.³⁰ O ponto central, ao redor do qual tudo gira, é Deus em sua justiça e amor, bem como – de certa forma como o reverso da medalha – o ser humano em sua dignidade concedida por Deus.

²⁶ Assim – embora seguido por um ponto de interrogação – o título de **Concilium**, 33, H. 2., 1997.

²⁷ BOFF, Leonardo. **Schrei der Erde, Schrei der Armen**. Düsseldorf: Patmos, 2002. [Versão em português: **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ática, 1995.]

²⁸ Cf. também DUCHROW, Ulrich et al. **Solidarisch Mensch werden: Psychische und soziale Destruktion im Neoliberalismus – Wege zu ihrer Überwindung**. Hamburg-Oberursel: VSA Verlag, 2006; GOLDSTEIN, Horst. „**Geniess das Leben alle Tage**“: Eine befreiende Theologie des Wohlstandes. Mainz: Matthias Grünewald, 2002.

²⁹ MÜLLER, Hadwig. Option für die Arme: „Das Schwache der Welt hat Gott erwählt, um das Starke zuschande zu machen“ (1 Kor 1,27). In: **Jahrbuch für kontextuelle Theologien**, Missionswissenschaftliches Institut Missio E.V. (Hg.), 9, p. 184, 2001.

³⁰ Cf. também MÜLLER, Hadwig. **Leidenschaft: Stärke der Armen – Stärke Gottes**. Mainz: Matthias Grünewald, 1988.

7. Justamente isso torna o fenômeno da exclusão teologicamente tão explosivo: aos olhos de Deus ninguém é supérfluo. O manual para a Campanha da Fraternidade das igrejas cristãs no Brasil no ano 2000, que tinha por lema “Um novo milênio sem exclusões”³¹, toma o evento narrado em Mc 3.1-6 como critério para ilustrar como deve ser a reflexão teológica e a prática cristã.³² Jesus chama um homem que tinha uma mão paralisada, cujo nome não é revelado, para o centro da sinagoga – isto é, o local reservado à Torá nas cerimônias do sábado. Jesus cura o homem de sua moléstia, para grande indignação dos que seguiam a lei à risca. Na época dos evangelhos, pessoas eram excluídas da sociedade por vários motivos – por exemplo, doenças, por pactuar com o Império Romano, por comportamentos considerados moralmente repreensíveis. Não bastasse isso, essas exclusões ainda eram legitimadas pela religião.³³ Jesus rompe essas barreiras para comungar com os excomungados. Sua mensagem da iminência do reino de Deus está diretamente relacionada a isso. Nesse Reino ocorre a verdadeira cura/salvação, que inclui todos e não exclui ninguém.

Ao juntar-se a pecadores e cobradores de impostos, Jesus se opõe à exclusão social motivada pela religião. Ao louvar os pobres, oferece esperança a pessoas que não são mais consideradas economicamente relevantes. Ao curar os doentes, contesta sua estigmatização religiosa como pessoas punidas por Deus. Ao expulsar demônios, ele atua sobre as consequências traumáticas do domínio externo de Roma sobre Israel. Na forma como busca fazer contato com as pessoas, contesta as dinâmicas dos processos de exclusão políticos, econômicos e religiosos.³⁴

8. Ao dedicar-se aos pobres, doentes e pecadores, Jesus questiona as regras de exclusão então vigentes – para fins de dominação e disputa de poder –, desafiando dessa forma os poderosos. Para eles, os atos e as palavras de Jesus representavam uma ameaça imediata ao *status quo* que os beneficiava. Assim, fizeram tudo ao seu alcance para eliminar essa ameaça. Empregaram seus próprios mecanismos de exclusão contra Jesus, na tentativa de acabar com Ele – para sempre, como imaginavam. Entretanto, segundo a fé cristã, Deus – com quem Jesus vivera na mais estreita relação e em nome de quem agia e falava – não o abandonou

³¹ CONIC (Org.). **Campanha da Fraternidade 2000: Dignidade Humana e Paz: “Novo Milênio sem Exclusões”**. Manual. São Paulo: [s.n.], 2000.

³² CONIC, 2000, p. 30-32.

³³ Para evitar que o termo “exclusão social” se torne um lugar-comum, é importante reconhecer suas diversas manifestações, condicionadas pelos respectivos contextos histórico-sociais.

³⁴ ETSCHMÜLLER, Gregor. „Für uns gestorben nach der Schrift“: Bausteine zu einer realistischen Kreuztheologie. Manuscrito mimeografado. p. 5.

ao fracasso na cruz, mas reabilitou sua maneira de viver por estar em conformidade com a justiça e o amor de Deus, permitindo quem assim viveu a compartilhar de sua vida para todo o sempre.³⁵

9. Na história, segundo a fé cristã, encontramos este Jesus vivo concretamente entre os famintos, os sedentos, os estrangeiros, os despedidos, os enfermos e os presos (cf. Mt 25.31-46). A forma como lidamos com eles é decisiva para nossa própria vida. Sem comensalidade com os excluídos, a Eucaristia fica desvirtuada (cf. 1Co 11). Em termos claros: quem promove – ou tolera – a exclusão social promove a exclusão de Deus.³⁶
10. Na medida de sua atuação samaritana, a igreja é testemunha da mensagem que lhe foi confiada e contribui para a construção do reino de Deus. Entre as características de tal igreja – a partir das quais também é possível avaliar o estado em que se encontra a igreja real –, o manual da Campanha da Fraternidade de 1995 relaciona:
 - torna-se presente e sensível às necessidades dos “pequeninos”;
 - não oculta o sofrimento, não o justifica, nem aceita justificativas;
 - não oprime e não provoca exclusão;
 - solidariza-se com os valores e o sofrimento dos “pequeninos”;
 - denuncia os mecanismos de exclusão e luta contra eles;
 - toma como seus os sofrimentos dos excluídos;
 - identifica-se como igreja dos pobres;
 - restitui a dignidade aos pobres, aos mudos, aos excluídos por qualquer causa;
 - transforma os “pequeninos” de objetos de auxílio caritativo para sujeitos em favor da salvação e libertação de todos.³⁷

Apesar do comprometimento que essa declaração expressa, ela inegavelmente ainda guarda um certo tom assistencialista. O *status* eclesiológico dos pobres e excluídos é muito mais radical. Foram eles, afinal, a partir de sua perspectiva específica, que descobriram dimensões da revelação bíblica que não foram vistas – e provavelmente nem poderiam ser vistas sem eles: a opção de Deus, dirigida precisamente a eles.³⁸ No Documento Final da III Conferência Geral do Episcopado

³⁵ Cf. ETSCHMÜLLER, bem como, principalmente, a cristologia de SOBRINO, Jon. *Christologie der Befreiung*. Mainz: Matthias Grünewald, 1998. _____. *Der Glaube an Jesus Christus*. Mainz: Matthias Grünewald, 2008.

³⁶ Cf. SUESS, Paulo. Perspectivas pastorais em vistas al tercer milenio. In: *Alternativas*, v. 5, n. 10: En vistas al tercer milenio, p. 48, 1998.

³⁷ CNBB (Org.). *Campanha da Fraternidade 1995: A Fraternidade e os Excluídos: “Eras Tu, Senhor?”* Manual. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 98

³⁸ Cf. SILBER, Stefan. Los Cristos Ocultados: Cristología(s) desde los excluidos. In: VIGIL, J. M. (Org.). *Bajar de la cruz a los pobres*. Versión 2.01. [S.l.]: ASETT, 2007. p. 217-223.

da América Latina e do Caribe, podemos ler: “O compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das comunidades de base ajudaram a igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto esses a interpelam constantemente, chamando-a à conversão e porque muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus”. (1147)³⁹ Isso é confirmado de forma mais incisiva pela formulação: “Os pobres e os excluídos evangelizam a igreja”.⁴⁰

O missiologista americano Philip L. Wickeri caracterizou da seguinte maneira o contraste entre a globalização neoliberal e a fé cristã:

A globalização tem por consequência a transformação das relações e interações sociais em quatro aspectos: a expansão das atividades sociais, políticas e econômicas através de todas as fronteiras; a flutuação intensificada do comércio, dos investimentos, da cultura e da migração; a aceleração das interações e processos globais, bem como a profunda e generalizada influência dessas interações e processos globais sobre as circunstâncias locais.⁴¹

Disso resulta uma divisão do mundo entre aqueles que lucram com a globalização e aqueles que são prejudicados. A fé cristã, ao contrário, contém a promessa de uma vida plena (Jo 10.10) para todos. A esperança cristã é expressão de uma fé e de um amor que são incondicionais e incluem todos (sem cooptar ninguém). Isso é diametralmente oposto aos preceitos do sistema dominante: participação, em vez de exclusão; compartilhamento, em vez de acúmulo; gratuidade, em vez de especulação.⁴²

Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/ASETTBajarDeLaCruz2.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

³⁹ III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Puebla, 1979. Disponível em: <<http://www.catolicanet.com/pub/publicacoes/a77b9b4c98416add25878f952e0c9701.pdf>>. p. 36. Acesso em: 20 mar. 2010.

⁴⁰ Para Hadwig Müller, no entanto, o discurso programático da “Igreja dos Pobres” é um ideal que, do ponto de vista prático, é inalcançável e do ponto de vista teológico precisa, no mínimo, ser melhor esclarecido e diferenciado. Muito já terá sido alcançado se na igreja se desenvolvesse uma consciência a respeito da ausência dos pobres: “Sem os pobres, não: Formulado dessa maneira o critério eclesiológico expressa não tanto a ideia de que algum dia os pobres poderão ocupar lugar central nas igrejas, mas antes o comprometimento dessas igrejas de jamais abandonarem essa utopia. Isso significa suportar a dor devido à distância que nos separa dessa realidade, que ainda não tem previsão de se concretizar. Significa sentir falta dos pobres, sem jamais se acostumar com sua ausência; sentir sua ausência como uma dor, e essa dor como um espinho, que por sua vez nos estimula a procurar sua presença.” In: MÜLLER, 2001, p. 188. Cf. também, p. 187-191. (tradução nossa).

⁴¹ WICKERI, Philip. Globalization and Transnational Christianity. In: GNANAPRAGASAM, Patrick; SCHÜSSLER FIORENZA, Elizabeth (Eds.). **Negotiating Borders: Theological Explorations in the Global Era**. Delhi: ISCPK, 2008. p. 466.

⁴² Formulação baseada em SUESS, Paulo. Para uma Igreja *versus populum*. In: VIGIL, 2007, p. 253-260. Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/ASETTBajarDeLaCruz2>>.

Sendo assim, mantendo-nos fiéis ao Evangelho, os caminhos a percorrer para transformar essas promessas em realidade devem também ser absolutamente diferentes daqueles da globalização neoliberal. O caminho neoliberal consiste na concorrência brutal pela hegemonia de mercado, sem qualquer consideração pelas vítimas. O caminho cristão – mesmo que não se deva negar, pelo contrário, é preciso reconhecer, contritos, que também em nome do cristianismo inúmeras vezes já foram, e continuam sendo, utilizados métodos hegemônicos – consiste na percepção sensível precisamente dessas vítimas e na misericórdia solidária (compaixão⁴³) para com elas, bem como na busca persistente por mais justiça e amor no mundo, acima de tudo sob forma de uma “economia da suficiência”⁴⁴ que a ninguém mais exclua. Os que seguem o primeiro caminho dedicam-se a alcançar – sem fazer concessões – a meta a que se propuseram. Os que trilham o segundo caminho, ao contrário, aceitam ser interrompidos a qualquer momento por quem deles necessita e fazem alianças com todos que desejam manter o mundo habitável para todos.

Dois comentários finais

1. A exclusão não envolve apenas cristãos e cristãs, mas também membros de outras religiões e cosmovisões – em parte, inclusive, predominantemente. Por isso não devemos medir esforços para reunir todos os lados em um trabalho conjunto, sem o que a exclusão virá a ter a última palavra. Nesse sentido, será necessário promover um diálogo entre as religiões – mutuamente enriquecedor, mas possivelmente também controverso – sobre os meios à disposição de cada uma delas para contrapor à lógica da exclusão, isto é, ao fato que pessoas são simplesmente deixadas de lado e consideradas supérfluas, a dignidade fundamental de cada ser humano.

2. O tema da exclusão salienta a necessidade de ampliar a orientação cultural-hermenêutica da Teologia Prática, incluindo nessa disciplina um estudo mais intenso das análises socioeconômicas, sem o que ela corre o risco de ver reduzida a sua percepção da realidade. Isso acarreta como consequência a incapacidade da Teologia Prática de compreender a relação causal entre as estruturas da sociedade e o sofrimento relatado pelas pessoas na práxis pastoral.⁴⁵

pdf>. Acesso em: 20 mar. 2010. Vale lembrar que a fé cristã não representa um sistema tão fechado quanto, por exemplo, o neoliberalismo ou outras ideologias.

⁴³ METZ, Johann Baptist. **Memoria Passionis**: Ein provozierendes Gedächtnis in pluralistischer Gesellschaft. Freiburg: Herder, 2006.

⁴⁴ Cf. entre outros: FÜSSEL, Kuno; SEGBERS, Franz (Hg.). „...so lernen die Völker der Erdkreises **Gerechtigkeit**“: Ein Arbeitsbuch zu Bibel und Ökonomie. Luzern; Salzburg: [s.n.], 1995. SEGBERS, Franz. **Die Herausforderung der Tora**: Biblische Impulse für eine theologische Wirtschaftsethik. Luzern: Exodus, 2002. **Concilium**, 40, H. 5: Utopie: Eine andere Welt ist möglich, 2004.

⁴⁵ Esta é a direção apontada por POLING, James Newton. **Render unto God**: Economic Vulnerability, Family Violence and Pastoral Theology. St. Louis: Chalice, 2002.